

Comentários do Bird desapontam o Brasil

CORREIO BRAZILIENSE

As autoridades da área econômica consideraram-se "desapontadas" com as declarações do presidente do Banco Mundial, Barber Conable, criticando a "improvisação" brasileira em matéria de política econômica e a falta de um programa de ajuste consistente e confiável e apontando os dois fatos como impeditivos de um acesso do país ao mercado financeiro internacional.

Contudo, se abstraiaram de dar uma resposta pública ao presidente do Bird, para evitar uma deterioração das relações com a instituição de crédito. Em Brasília, o chefe da Assessoria Internacional da Seplan, embaixador Luiz Felipe Lampreia, mandou dizer aos jornalistas que estava "muito ocupado". Em Washington, o escritório do diretor brasileiro do Bird, Pedro Malan, contatado pelo telefone, informou que ele não poderia atender à imprensa pois estava "em reunião desde cedo".

Ao explicar o desaponta-



Barber Conable

mento causado em Brasília pelas afirmações de Conable, uma fonte da área econômica lembrou que, ao decretar a moratória unilateral, o Governo brasileiro fez questão de deixar de fora as instituições multilaterais de crédito, como o Banco Mundial, que continua a receber, pontualmente,

os juros dos créditos concedidos ao Brasil.

E mais: um dia após a decretação da moratória, o Bird fez saber, extra-oficialmente, ao Governo brasileiro, sua disposição de continuar discutindo o programa de financiamento de projetos no âmbito do próximo orçamento fiscal (julho/87 a junho/88), confirmado as datas da partida, de Brasília, de duas missões governamentais: uma da Seplan, conduzida pelo chefe da assessoria do Planejamento, Francisco Luna, e outra organizada no Ministério do Interior.

Lembraram ainda os informantes que nas oportunidades em que manteve contato com autoridades brasileiras, inclusive quando esteve no Brasil, no ano passado, Conable sempre demonstrou disposição de apoiar o esforço de ajuste interno promovido pelo Governo brasileiro, inclusive oferecer os préstimos da instituição para flexibilizar as negociações com os bancos credores, a exemplo do que ocorreu em relação ao México.